



COMUNICAÇÃO EM REDE:

Um conjunto de nós

por Luiz Carlos Assis lasbeck¹

Resumo/Abstract: A Comunicação é um processo inerente aos seres vivos. Entretanto, uma série de dificuldades, problemas e obstáculos impedem que esse processo realize seu objetivo primordial, o de tornar comum o incomum, de proporcionar o compartilhamento e a convivência entre os seres vivos. O desenvolvimento de sofisticadas tecnologias de comunicação não garante a qualidade do processo, tampouco o adensamento das afinidades que geram vínculos. Isso, porque, independentemente dos altares que erguemos para mediar nossas relações, a comunicação é estabelecida a partir de uma predisposição interna, de uma competência de conviver com diferenças e ousar enriquecer o contato com o inusitado espaço da esfera da não-cultura. O que nos põe em rede não é senão os vínculos que conseguimos estreitar entre corpos e mentes que se mediam tecnologicamente. E os vínculos insistem em se manter precários ... e cada vez mais tênues ... quanto mais sofisticada e exuberante se torna a tecnologia que media as relações.

¹ Luiz Carlos Assis lasbeck é doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP, professor e pesquisador adjunto no Mestrado da FAC/UnB, professor de Comunicação na Universidade Católica de Brasília e na UPIS-DF, vice-presidente da ABES - Associação Brasileira de Estudos Semióticos, Representante da Federación Latinoamericana de Semiótica no Brasil e presidente da ABSB - Associação Brasileira de Semiótica.





A comunicação é um fenômeno semiótico. Antes de se configurar como processo de estímulo e resposta, antes mesmo de assimilar tantos e tantos aparatos capazes de sofisticar as linguagens, armazenar informações, estocar lembranças e memórias, disponibilizar recursos de transporte e recuperação, a comunicação segue sendo um fenômeno bastante simples de constatar e intensamente complexo de se administrar. Segundo Pross, essa complexidade está no fato de a comunicação ser o lugar de "dar e receber signos".

Porém, são muitas as maneiras de se definir comunicação e todas elas passam pela interatividade, pela necessidade da presença de um estímulo e uma resposta, da troca, do diálogo, do inter-relacionamento. Tanto entre homens como entre fenômenos, animais e objetos.

Quando nos referimos à ciência da comunicação, entretanto, estamos tratando de "um campo delimitado dos estudos dos processos comunicativos, assim como a investigação das estruturas e funções dos sistemas sociais de comunicação" (Pross e Beth, 1987:13)

Comunicar, em latim significa compartilhar. Mas para que haja compartilhamento é imprescindível que uma informação qualquer saia de um emissor para um receptor e que este seja capaz de recebê-la, interpretá-la e respondê-la. Entre os homens, diz Pross, essa prática não é possível sem a intermediação dos signos. A capacidade de dar e receber signos é caracteriza a comunicação humana, diferenciando-a da prática comunicativa dos demais seres vivos.





Ao "tornarem comuns" experiências, necessidades, sonhos e projetos, as relações comunicativas criam entre os seus interactores um vínculo de afinidade, unindo, ligando ou religando diferenças. O que move o homem para a prática da comunicação é, segundo Medina Rodrigues (1994) a realização de um sonho ancestral do homem, o sonho de unificar o mundo em detrimento das diferenças que o tornam desigual, complexo e antagônico. Ao proporcionar vínculos seriados, a comunicação cria redes de afinidades em torno de identificações grupais, atando seus atores em nós conectivos, na forma de um grande texto ou de um "hipertexto", como quer Pierre Lévy, um entusiasta das possibilidades de compartilhamento abertas pelas novas tecnologias da comunicação.

Antes, porém, de adentrarmos em algumas reflexões sobre a competência comunicativa do ser humano, vejamo-la como prática comum a todos os seres vivos, tal como nos ensinam um sem número de estudiosos da área, desde os comportamentalistas (S. Stevens, C. Hovland, W. Schramm, C. Cherry, P. Watzlawick) aos cognitivistas (Shannon e Weaver, G. Steiner, F. Fearing).

A Comunicação Essencial

"Comunicação é um processo inerente aos seres vivos"

Trocar informações parece-nos vital, uma atividade essencial à vida e, portanto, comum a todos os seres vivos. As plantas trocam informações com o meio-ambiente, recebem energia, calor e respondem à natureza oxigenando o ar, proporcionando ciclos de composição e recomposição do solo e do clima. Os minerais também comunicam, recebem, estocam e distribuem informação, compõem o cenário interativo dos ambientes naturais, os relevos e depressões, expondo a quem quiser e puder ver as marcas do tempo





e das intempéries. Fora de seu habitat, os seres vivos perdem competência de suprir seus organismos daqueles elementos de que necessitam, perecendo por falta, carência ou solidão.

Nesses ambientes, o processo comunicativo é mecânico, padronizado e corresponde a uma troca "programada" sem a qual o ciclo de perpetuação do ambiente fica comprometido.

Para os estudiosos da semiótica, os animais se comunicam de maneira codificada, ou seja, utilizam linguagens bastante eficientes para resolverem seus problemas de perpetuação da vida. Organizam-se em torno de objetivos comuns, colaboram entre si, distribuem funções e respondem solidariamente pelos projetos grupais. Não são poucos os etólogos que se debruçam a estudar a competência comunicativa de espécimes cuja precisão e objetividade só não os aproximam dos humanos como também os levam a superá-los em termos de eficácia.

Porém, os humanos desenvolveram habilidades metalingüísticas que os separaram das práticas meramente racionais e animais, levando-os à especulação, à idealização, à abstração. A competência de "pensar o pensamento", como diz Norval Baittelo Jr. abre ao humano condições de sofrer intensamente, preocupar-se, mentir, iludir-se, decepcionar-se e superar problemas comuns de sua vida biológica e social.

A comunicação humana não é apenas um processo de troca de informações, mas um espaço de compartilhamento de sentimentos complexos e necessidades imprecisas. Parece-nos muito pouco pensar esse fenômeno como atividade mecânica de emissão - recepção - emissão, ainda que seja necessário entender que esse processo, funcional como uma engrenagem, é o motor do evento comunicativo. E vai permanecer, em





essência, como tal até ser perturbado pelas sofisticadas tecnologias da comunicação do mundo atual, como veremos mais adiante.

Humildade e Tolerância

"Entretanto, uma série de dificuldades, problemas e obstáculos impedem que esse processo realize seu objetivo primordial, o de tornar comum o incomum, de proporcionar o compartilhamento e a convivência entre os seres vivos".

Tradicionalmente, a comunicação tem sido estudada como a ciência que se dedica a estudar esse processo de emissão e recepção de informações, o que nos parece um conceito demasiado simples para dar conta de tamanha complexidade envolvida nesse aparentemente simples fenômeno.

Felizmente, para entender comunicação não é preciso sequer saber defini-la. É preciso saber utilizá-la de maneira eficaz. É na dimensão pragmática que ela melhor diz de si mesma. Lucien Sfez, em sua obra *A Crítica da Comunicação* nos chama a atenção para a etimologia que nos remete à ação de colocar algo em comum ou compartilhar.

Refletindo sobre a necessidade de comunicar, alguns filósofos como Paul Watzlawick - que organizou o imprescindível *A Pragmática da Comunicação Humana* - e Eric Fromm, em *Arte de Amar*, dentre outros, nos lembram de que esse tipo de comportamento humano tem a sua origem junto com a origem do homem ... e que a necessidade de comunicar se torna drástica a partir do nascimento. Para eles, o homem se comunica para espantar a solidão.





A solidão, o sentimento de estar só, desamparado e sem ter onde se segurar é o mais terrível, o primeiro e o último grande evento negativo que o ser humano enfrenta, uma vez que não tem como evitá-lo ao nascer e ao morrer. Entre o nascimento e a morte existe a vida. E a vida só pode ser vivida se desenvolvermos mecanismos eficazes para espantar esse sentimento extremo e liminar que é a solidão.

Para superar simbolicamente esse problema, recorreremos às criações culturais, somente possíveis no território daquilo que Bystrina denomina segunda realidade. Os textos que produzimos nessa dimensão nos confortam, apaziguam as incompreensíveis contradições da primeira realidade e só se tornam possíveis porque na realidade da cultura não podemos prescindir do outro: nossa sobrevivência psíquica passa pelo acionamento de mecanismos que ultrapassem o egoísmo biológico e o oportunismo solidário da dimensão social, necessários a nossa sobrevivência física.

Comunicar é, portanto, compartilhar sentimentos, temores, humores, angústias e surpresas, é estar junto, pertencer, vincular, estar afetado e em afeto com quem nos cerca. Não é por outro motivo que os mais intensos núcleos sociais de comunicação são aqueles dos quais participamos com maior assiduidade e intensidade: a família, o trabalho, os grupos de interesse profissional, os amigos, etc. São esses grupos que nos encorajam a superar a solidão originária e nos proporcionam sensações de segurança, conforto e amparo. Pertencer a um grupo, estar vinculado a uma Empresa, compartilhar idéias, estar casado (ou estar aliado, em aliança) com alguém são formas de consolação (conforme afirma Umberto Eco em um pequeno texto publicado no livro *Socialismo y Consolación*, de 1970) absolutamente imprescindíveis para que possamos viver em harmonia, sem os temores da solidão.





Tornamo-nos, então, solidários para deixarmos de ser solitários. Mais do que uma decisão pessoal, esta é uma questão de sobrevivência física e psíquica que assegura a vida humana.

Assim, quando estudamos o fenômeno da comunicação, não podemos deixar de lado as ligações afetivas e suas efetivações rituais que consagram uniões, aproximações, asseguram empatias e decretam vinculação, adesão, pertencimento. Não há como dissociar das intenções do emissor - aquele que tem a iniciativa do processo de comunicação - a sua íntima e vital necessidade de obter reconhecimento, compreensão e segurança.

A intensidade desses sentimentos e necessidades é talvez a maior responsável pelo sucessivo insucesso da comunicação entre pessoas, nações e organizações. Obter entendimento, compreensão e, conseqüentemente, apoio a qualquer custo é o que desejam todos aqueles que investem na comunicação, que não têm como deixar de ir à procura do outro para compartilhar seus interesses. Sabemos que quanto maior é a ansiedade que impulsiona esse desejo, mais complexa é a obtenção do que se almeja. Ir ao encontro do outro significa, também, estar disposto a respeitar outro tempo, outro ritmo, necessidades e interesses alheios. Além disso, a procura do outro só é possível a quem reconhece, sinceramente seu próprio estado de carência, sua condição existencial de falta e de incompletude. Essa atitude, essencial para que aconteça o processo da comunicação, exige do emissor uma certa dose de humildade, paciência e desprendimento.

Na apresentação à edição brasileira do primeiro volume de *A Sociedade do Protesto*, de Harry Pross (Annablume, 1997), Norval Baitello Júnior nos relata que na abertura do décimo e último Kornhaus-Seminar, Pross declarou lapidarmente: "aprendemos em dez





anos que, para a comunicação, nenhuma lei é mais importante do que a tolerância". Junto à humildade, a tolerância é imprescindível. Se necessitamos de humildade para ir ao encontro do outro, necessitamos, também, de uma boa dose de tolerância para entendermos que o outro não é exatamente aquilo que gostaríamos que ele fosse, que ele não reage como gostaríamos ou necessitaríamos.

Afinidades e Diferenças

"O desenvolvimento de sofisticadas tecnologias de comunicação não garante a qualidade do processo, tampouco o adensamento das afinidades que geram vínculos."

Afinidades e diferenças. Essas parecem ser as forças que movimentam não apenas a comunicação entre seres humanos, mas entre tudo o que existe no universo. Medina Rodrigues, num texto informal preparado para uma aula no curso de comunicação e semiótica na PUC de São Paulo, precisamente se manifestou sobre essa questão, destacando a relação paradoxal instaurada por tais forças. Medina entende que o sentido unificador do mundo está inscrito na própria ordem natural do mundo físico :

"O mundo tem um sentido unificador e edificante, um movimento fisicamente determinado, um telos na ordem natural dos eventos que não se atropelam... a dinâmica do mundo físico não dá saltos e se algum salto existe na natureza, este é um salto previsto pela própria natureza"

Esse salto corresponde a uma diferença a uma mudança repentina de tempo e espaços e que, apesar de atropelar a ordem esperada, está prevista no próprio curso da natureza. A afinidade e a diferença fazem parte, assim de uma certa previsibilidade constituindo dois





movimentos aparentemente paradoxais mas essencialmente necessários ao equilíbrio das relações físicas.

O fato de encontrarmos diferenças quando procuramos afinidades não constitui nenhum desastre irreversível na ordem do mundo natural e também, acrescentemos, nas vicissitudes da comunicação humana. Ao contrário, as diferenças nos levam a valorizar ainda mais as afinidades, além de nos abrir caminhos para a absorção de outras possibilidades de relacionamento não previstas inicialmente em nossas expectativas.

Não há dúvidas também sobre o fato de que há muito mais diferenças que afinidades no mundo físico e no mundo da comunicação humana. As identidades não se afirmam apenas pela afinidade que mantêm com suas oposições, mas sobretudo pelas diferenças que as individualizam e lhes dão contornos próprios e definidos.

Conforme tivemos oportunidade de demonstrar em nossa tese de doutorado (lasbeck, 1997), o conceito de identidade supõe tanto a presença de afinidades quanto de diferenças:

... não há como constatar oposição excludente entre afinidades e diferenças. A idéia aristotélica precisa da diferença para confirmar-se (o ser é; o não ser não é); a concepção de Leibniz integra a diferença na essência do ser (diverso e múltiplo) que se identifica por critério de substituição; o estabelecimento de paradigmas, preconizado por Waismann é realizado como critério de afinidade entre diferenças (lasbeck 1997:175).

Dessa forma, podemos assumir a hipótese de que a comunicação estabelece vínculos não apenas entre afinidades como também entre diferenças. Nesses casos, o vínculo que advém e proporciona identificação (Waismann) e identidade (Aristóteles) se dá naqueles aspectos que não encontram afinidade senão fora de si mesmos, pela interveniência de





uma mediação ou de uma triangulação. O elemento intermediário estabelece pontes, elos e suportes capazes de reunir pólos dissociados ou criar polaridades paralelas, porém intercomunicativas, estabelecendo uma espécie de afinidade entre diferenças.

As modernas tecnologias da comunicação parecem cumprir rigorosamente esse mandato natural: aproximar o que está distante, facilitar contatos, reunir fragmentos dispersos ou dispersar incongruências que não se afinam. Porém, ao proporcionar ferramentas para a comunicação, essas tecnologias expandem, para além do delimitado espaço de nossas ordenações individuais, possibilidades de acordos e promessas de encontros não realizadas, criando, assim, novos e inusitados problemas de comunicação ou, como querem alguns, problemas por incomunicação.

Em muitos casos, entretanto, as tecnologias carregam para si mesmas as finalidades comunicativas, deixando de promover os elos necessários entre diferenças que precisam se encontrar. Evidentemente, elas também trabalham no sentido de estreitar afinidades e proporcionar manutenção a relacionamentos estáveis, até que se tornem perturbadores. Nesses casos - e até eclodirem os conflitos - as tecnologias da comunicação funcionam como meios rituais de celebração de acordos e preservação de interesses já contratados. Se não trazem novidades, pelo menos evitam que as forças de aproximação se dispersem em proveito de ousadias estranhas ou caminhos desconhecidos. A manutenção se dá pelo circuito de redundâncias forjadas no calendário ou nos espaços míticos construídos para lembrar o percurso circular do cotidiano.

Identidades e Indiferenças

"Isso, porque, independentemente dos altares que erguemos para mediar nossas relações, a comunicação é estabelecida a partir de uma predisposição interna, de uma competência





de conviver com diferenças e ousar enriquecer o contato com o inusitado espaço da esfera da não-cultura."

Foi Norval Baitello Júnior, numa conferência realizada em outubro de 2000, na Universidade de Brasília, para os integrantes da Associação Brasileira de Semiótica que se referiu às novas tecnologias da comunicação como "altares" mediadores. Desse modo, Norval (re)liga o conceito de mídia ao conceito de mito, lembrando-nos de que ambos funcionam como lugares ritualizados de passagem, de transposição de um ambiente de cultura a outro, pouco conhecido ou mesmo desconhecido, o espaço de uma possível não-cultura.

Admitir que a não-cultura - tal como definida pelos semioticistas eslavos nas teses para uma semiótica da cultura - tenha uma existência provável, identitária e operativa para uma dada cultura, da qual se é observador externo, se não constitui um avanço no sentido de arejar os espaços da cultura é, pelo menos, a aceitação da possibilidade de que "fora" deve existir algo e, portanto, como bem explica Pross, não há "o" nada.

É esse o princípio que justifica a existência do signo e que faz do "texto" a unidade básica da semiótica da cultura. O texto como conjunto sógnico com sentido integral, estrutura, expressão próprias e fronteiras delimitadas, ou o signo entendido como parte do texto e também um texto que comporta outros signos que o interpretam, necessita escorar-se em conjuntos de linguagem, desde os mais arcaicos até os mais sofisticados, aqueles que estão na base das tecnologias digitais.

Em nosso modo de ver, os diálogos com a não-cultura estreitam-se significativamente com as tecnologias que proporcionam comunicação em rede. A não-cultura (aqui e nas teses eslavas) é entendida em oposição a uma dada cultura (identidade) e, em relação a





esta, como um lugar de indiferença, até que algum tipo de provocação, instigamento ou curiosidade derrube ou danifique os muros que as separam. O filósofo tcheco Vilém Flusser afirmava que o "incomparável é inconcebível", evidenciando a dificuldade que cada cultura particular tem de dialogar com a sua correspondente não-cultura, sem apropriar-se de conhecimentos estranhos (estrangeiros) mediante analogias, traduções, miscigenações. Medina Rodrigues (1994) concorda com essa idéia ao afirmar que "o ser humano possui categorias apriorísticas que medeiam e condicionam seu conhecimento da natureza (...) de forma que ele só pode conhecer algo novo pela intermediação de uma consciência que conhece".

O trânsito cultura - não-cultura - cultura não apenas proporciona arejamento e crescimento do acervo de uma da cultura como também a instrumentaliza a flexibilizar-se em mecanismos adaptativos abertos à novidade, aos estranhamentos ou aos perigos da adversidade. Aprende-se, dessa forma a explorar aquilo que Medina denomina o "universo da indiferença": O universo da indiferença é o que domina a usura em surdina das coisas; ele é praticamente o contrário do universo da afinidade (...) porém saber que ele existe já é um saber sobre a indiferença, já é ter consciência de uma ignorância e, portanto, ter consciência de alguma coisa fora do ambiente do conhecimento estabelecido.(Medina, 1994:4)

Essa competência não depende das tecnologias porque ela se estabelece, primariamente, no desejo de cada um, de cada grupo, de cada integrante de um texto cultural. A curiosidade em relação ao desconhecido pode, entretanto, ser sobremaneira estimulada quando os caminhos são encurtados, quando o acesso é facilitado, a despeito de eventuais riscos e temores.





Desde a década de 80, quando a rede mundial de computadores, a Internet começou a se popularizar, espaços e ritmos que até então caracterizavam culturas, começaram a se modificar, mobilizando-se aceleradamente e, aparentemente, fora de compasso, ao sabor das novidades que tomavam corpo. Peter Druker referiu-se a esse período como Segunda Revolução da Informação, comparando-a com a primeira grande ruptura na linearidade de um desenvolvimento cadenciado que aconteceu pela primeira vez com a invenção da imprensa por Gutenberg.

A introdução do computador promoveu mudanças substantivas e sem precedentes na história da humanidade. Hoje, milhões de pessoas podem trocar informações, estabelecendo vínculos instantâneos e efêmeros que não têm compromisso de permanência, muito menos de fidelidade. A vida digital, conseqüência de um crescimento exponencial das possibilidades de produção, distribuição, armazenamento e recuperação de informações com base no código binário, proporcionou processos comunicativos instantâneos e não lineares, atropelando a seqüência natural do clássico esquema tricotômico de Aristóteles (emissor, mensagem, receptor).

Como conseqüência das tecnologias que aceleraram o processamento das informações, foi possível realizar um antigo sonho de relacionar em simultaneidade paradigmática idéias que se interpõe, sobrepõe e que não podem localizar-se em sintagmas justapostos. O hipertexto, termo cunhado por Theodor Holm "Ted" Nelson em 1965 em um artigo científico, tornou possível a escrita não seqüencial que, por sua vez, concretizou a comunicação em rede, em tempo real.

O alastramento lateral do pensamento semiótico em rede privilegia as relações que multiplicam sentidos, sem perda de profundidade ou especificidade. A velocidade de processamento das informações, obtidas à custa do aperfeiçoamento de processadores





cada vez mais compactos e potentes, abreviou o tempo de espera das respostas, preservando a linearidade dos sintagmas, na presença das interposições de sentido.

Vínculos Fáceis, Vínculos Frágeis

"O que nos põe em rede não é senão os vínculos que conseguimos estreitar entre corpos e mentes que se mediam tecnologicamente. Vínculos que insistem em se manter precários ... e cada vez mais tênues ... quanto mais sofisticada e exuberante se torna a tecnologia que media as relações."

Dentre as facilidades que a tecnologia digital nos trouxe, a instantaneidade dos contatos e a fugacidade dos encontros talvez sejam as contribuições mais significativas para a construção de uma nova forma de relação entre as pessoas.

A motivação para estar em rede, atado em nós com uma coletividade virtual ainda segue sendo aquela mesma que levou o homem, desde os primórdios, a buscar na companhia do outro consolo para a solidão originária e final. A tecnologia apenas cumpre o papel de mediar esse encontro entre corpos e mentes que, agora, dispensam a mobilidade e o momento oportuno. Precários ou consistentes, tais vínculos se estabelecem, se mantêm ou se rompem na exata medida das possibilidades que o meio oferece. O que observamos é que a oferta de possibilidades de contato cresceu assustadoramente, animando ligações pouco comprometidas, relações não tão responsáveis e compromissos frouxos.

Se por um lado, os vínculos demonstram enfraquecimento nas relações comunicativas em rede, por outro eles se multiplicam tentativamente, encorajando a exploração do território da indiferença, da não-cultura, ainda que de forma episódica. E tudo indica que





essa tendência irá se recrudescer enquanto o avanço e a sofisticação das modernas tecnologias não encontrar um ponto de equilíbrio que as leve a procurar meios capazes de possibilitar o adensamento qualitativo das múltiplas possibilidades de contato.

De qualquer forma, não é a tecnologia que vai melhorar a qualidade das relações humanas. Segue sendo o homem em sua relação consigo mesmo, com suas competências expressivas e impressivas que vai determinar a densidade e a consistência dos textos que tecem a malha de uma rede maior de desejos de interatividade e necessidades de complementaridade.

Tecnicamente, o hipertexto é um conjunto de nós atados por conexões. Esses nós podem ser ideologias, palavras, imagens, sonhos, gráficos, diagramas, contratos ou afetos gratuitos, compromissados apenas com o prazer que o afastamento da solidão nos traz. As conexões, entretanto, constroem um texto, um tecido no qual cada nó em particular tem um compromisso particular e uma responsabilidade global.

Nesse formato, que não é novo, os sentidos se cruzam em densas malhas. A complexidade resultante das novas relações - estimuladas pelas tecnologias da comunicação - fortalece em nós a esperança em conexões mais consistentes, ao tempo em que acirra a desconfiança e o temor de um iminente esgarçamento de alguns tecidos que não se estabelecem competentemente nesse panorama.

O espírito do nosso tempo é conturbado, inquieto e não se sujeita a ideologias que detenham o curso dessa instável e, por vezes, desorientada evolução. Entretanto, nas brechas abertas pelo esquecimento ou pelas tentativas frustradas de conexões consistentes, novas relações podem ensejar a construção de textos não previstos pelas estratégias hipertextuais.





De novo, é a transgressão, a desobediência, a criatividade e a imaginação que podem criar, transversalmente, ramificações nas quais as conexões se façam também multiplanarmente, abrindo possibilidades textuais responsáveis e conseqüentes (com estrutura, expressão e delimitação), a despeito da irresistível diversão com que as novas tecnologias nos seduzem.

ALAVA, Seraphin et alii, (2002) *Ciberespaço e Formações Abertas* Porto Alegre: ARTMED

BAIRON, Sérgio, (1995) *Multimídia* São Paulo: Global

BAITELLO JR., Norval, (1997) *O Animal que Parou os Relógios* São Paulo: Annablume

BAITELLO JR., Norval, (1997) *Protesto, Comunicação e Tolerância, in A Sociedade do Protesto*, de Harry Pross São Paulo: Annablume

BYSTRINA, Ivan, (1995) *Tópicos de Semiótica da Cultura (pré-print) compilado por L.C.A. Iasbeck* São Paulo: CISC

ECO, Umberto, (1970) *Socialismo y Consolacion* Barcelona: Tusquets Editor

FROMM, Erich, (1965) *O Coração do Homem* Rio de Janeiro: Zahar Editores

FROMM, Erich, (1995) *A Arte de Amar* Belo Horizonte: Editora Itatiaia

IASBECK, Luiz Carlos Assis, (1997) *A Administração da Identidade - tese de Doutorado - COS/PUC/SP* São Paulo: COS-PUC/SP

IASBECK, Luiz Carlos Assis, (2002) *A Arte dos Slogans* São Paulo: Annablume





LEVY, Pierre, (1993) *As Tecnologias da Inteligência* Edições 34: Rio de Janeiro

MEDINA RODRIGUES, Antonio, (1994) *Afinidade e Indiferença* São Paulo: Transcrição aulas
COS/PUC/SP - por L..C.A. lasbeck

MELO, Cristóvão, (2002) *A Racionalidade do Hipertexto* Brasília: Dissertação de Mestrado
FAC/UnB. Orientador: L. C.

PROSS, Harry, (1980) *Estructura Simbolica del Poder* Barcelona: Editorial Gustavo Gilli

PROSS, Harry, (1989) *La Violencia de los Simbolos Sociales* Barcelona: Anthropos

PROSS e BETH, Harry e Hanno, (1987) *Introduccion a la Ciencia de la Comunicación*
Barcelona: Anthropos

SFEZ, Lucien, (1994) *Crítica da Comunicação* São Paulo: Loyola

WATZLAWICK et Alii, Paul, (1993) *Pragmática da Comunicação Humana* São Paulo: Cultrix

